

EDITORIAL

Ceará: coivaras levam perigo à Caatinga

As queimadas em andamento na Floresta Amazônica e no Pantanal ocupam, com razão, o noticiário nacional e internacional. É que está em jogo a qualidade de vida do planeta. Contudo, no âmbito interno, nacional, há outros biomas igualmente ameaçados, e um deles de uma maneira ainda mais aguda por ser um dos alvos principais da mudança climática em curso no planeta: a Caatinga. Trata-se de um bioma exclusivo do Brasil, que predomina no semiárido nordestino e influencia o destino de cerca de 28 milhões de pessoas. Sua vulnerabilidade a incêndios torna-se premente entre agosto e novembro, particularmente em setembro, mês de altas temperaturas e de intensos

ventos, sobretudo porque coincide com o período de queimadas (coivaras) para “limpar a terra”, com vistas às futuras lavouras. De acordo com dados da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (Funceme) e do Instituto Nacional de Estudos Especiais (Inpe), em agosto deste ano, foram registrados mais de 250 focos de calor no Ceará. Até novembro, os incêndios naturais e as queimadas por causa da ação humana tenderão a se intensificar no Ceará.

À primeira vista, pode não parecer, mas a Caatinga é considerada a área semiárida mais rica em biodiversidade do mundo. Isso é confirmado pelos dados do Ministério do Meio Ambiente (MMA), que indicam a existência de uma grande riqueza de espécies no bioma, com 932 variedades de plantas, 178 de mamíferos

e 590 de aves. Dessa variedade, 318 são endêmicas, ou seja, ocorrem somente na Caatinga, ao longo de uma área que abrange cerca de 11% do território brasileiro (844 mil km²). Entretanto, o bioma não tem sido foco de preocupações das políticas de conservação e sustentabilidade ambiental no País.

Essa “desimportância” não é compartilhada por quem entende do assunto: o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês) realizado pela ONU, no ano passado, situou a Caatinga como uma das regiões geográficas mais afetadas pelas mudanças climáticas no Brasil. O bioma poderá sofrer uma redução de até 40% nas suas chuvas, impactando diretamente diversos setores sociais e produtivos.

Essa sentença não é ainda inapelável – ou seja, há margem para atenuá-la, desde que haja disposição para resistir. Isso implica em políticas públicas destinadas a fortalecer o bioma e reverter aquilo que depende da ação humana: parar o desmatamento, reduzir ao máximo as queimadas e realizar um manejo capaz de evitar a desertificação.

Sobretudo, não deixar que suas matas virem lenha e carvão para mover olarias, padarias e outras indústrias. Em seu lugar, utilizar energia solar ou eólica, barateando-as, cada vez mais. E aprimorando técnicas adequadas de cultivo e criação de animais, com melhoramentos genéticos para obtenção de espécies vegetais e animais mais resistentes às severas condições climáticas da Caatinga. ■

OPOVO

FUNDADO EM 7 DE JANEIRO DE 1928
POR DEMÓCRITO ROCHA

PRESIDENTE & PUBLISHER
Luciana Dummar

PRESIDENTE-EXECUTIVO
João Dummar Neto

DIRETOR-GERAL DE JORNALISMO
Arlen Medina Néri

DIRETOR-GERAL DO COMERCIAL
Marcus Soares

DIRETOR DE PROJETOS ESPECIAIS
Alexandre Medina Néri

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Cecília Eurides

DIRETOR CORPORATIVO
Cliff Villar

CONSELHO EDITORIAL

Adisla Sá; Diatay Bezerra de Menezes;
Fausto Nilo; Francisco José de Lima Matos;
Lino Vilaventura; Manfredo Oliveira;
Paulo Bonavides; Pedro Henrique Saraiva
Leão; Plínio Bortolotti; Raimundo Padilha;
Roberto Macedo; Valdemar Menezes;
Wânia Cysne Dummar

DIRETORIA-GERAL DE JORNALISMO
DIRETOR-GERAL

Arlen Medina Néri

DIRETORES-EXECUTIVOS

Ana Naddaf

Eric Guimaraes

EDITORES-CHEFES

Cinthia Medeiros; Clóvis Holanda; Fernando
Graziani; Jocélio Leal; Sérgio Falcão

EDITORES-EXECUTIVOS

Adailma Mendes; Érico Firmo;
Deglaucy Jorge Teixeira; Guálter George;
Juliana Matos Brito;
Raone Saraiva; Tânia Alves

EDITOR-SÊNIOR

Valdemar Menezes

ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO

Joelma Leal

OMBUDSMAN

Daniela Nogueira

EMPRESA JORNALÍSTICA O POVO S.A.

Av. Aguanambi, 282 - Joaquim Távora
CEP 60055-402 - Fortaleza - CE - PABX: 3254 1010
CNPJ: 07.222.565/0001-62
www.opovo.com.br

GALERIA DE PRESIDENTES



Demócrito
Rocha
1928 - 1943

Paulo
Sarasate
1943 - 1968

Creuza
Rocha
1968 - 1974



Albanisa
Sarasate
1974 - 1985



Demócrito
Dummar
1985 - 2008

ATENDIMENTO
AO LEITOR E ASSINANTE
3254 1010

mercadoassinante@opovo.com.br

VISITE O JORNAL O POVO

www.opovo.com.br/visiteopovo

3255 6088

opovonaeducacao@opovo.com.br

AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS: Agência Estado e Agência
France Press

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO EM BRASÍLIA:

MÍDIA DISTRIBUIDORA DE JORNALIS LTDA - Aeroporito
Internacional de Brasília Pres. Juscelino Kubitschek;
Setor de locadoras, lote nº 14, salas 03 e 04;
CEP: 71608-900 - Brasília/DF;
Telefone: (0XX61) 364-9900. Fax: (0XX61) 364-9901
E-mail: idiadistribuidora@grupomidia.com.br

PREÇO DO EXEMPLAR NO CEARÁ:

segunda a sábado: R\$ 3,00; domingo: R\$ 4,00

OUTROS ESTADOS DO NORDESTE:

segunda a sábado: R\$ 4,50; domingo: R\$ 8,00

OUTROS ESTADOS:

segunda a sábado: R\$ 5,50; domingo: R\$ 10,00

ASSINATURA ANUAL: R\$ 1.132,00

ARTIGOS

O Aldrabão



Fabiano dos Santos Piúba
fabianopiuba@gmail.com

Doutor em Educação,
mestre em História, escritor,
historiador e secretário da
Cultura do Estado do Ceará

O Aldrabão é aquele que diz que são os indígenas e caboclos que queimam as florestas, quando os satélites revelam que os focos de incêndios estão associados às ocupações irregulares da agropecuária. Os povos indígenas são os guardiões das florestas porque elas são solos sagrados com sua fauna e flora.

O Aldrabão é aquele que diz que nossa produção agrícola alimenta o mundo, quando sabemos que o País voltou ao Mapa da Fome. O Aldrabão é aquele que diz ter uma política ambiental exemplar, quando estimula a devastação em áreas de preservação e em terras indígenas com a passada da boiada e da

exploração de minérios.

O Aldrabão é aquele que diz pagar em torno de 1.000 dólares, um benefício que está longe desse valor, quando ele combateu a iniciativa até perceber a moeda política que estava em jogo para sua benesse e não, exatamente, para o beneficiário. O Aldrabão é aquele que não usa máscara e provoca aglomeração em meio a uma pandemia, recitando sem ser médico, falando em nome de uma suposta ciência, quando age como um pandemônio.

O Aldrabão é aquele que discursa em defesa da democracia e da liberdade de expressão, quando em plena luz do dia participa de eventos antidemocráticos que atentam contra o Estado de Direito, ameaça jornalistas por lhes fazerem perguntas incômodas e criminaliza as artes

e os artistas.

O Aldrabão é aquele que se considera um messias com seu Cristo armado até os dentes, sorrindo com crianças brincando de arminhas com os dedos das mãos, fazendo-se de vítima com uma tal cristofobia, mesmo perdoando dívidas e sonegações de igrejas cristãs em um Estado laico. Vale recordar que Cristo, Tupã, Oxalá, Ogum, Alá, Iavé, dentre outras tantas manifestações divinas, são relicações do ser humano com o sagrado em sua diversidade.

O Aldrabão é aquele que mente. Sabe que está mentindo, fazendo uma cara de quem está mentindo, mas imaginando serem verdadeiras suas palavras, porque criou um universo paralelo onde muitos outros aldrabões acreditam existir, como se fosse um País só para eles. ■

Freud, mais vivo do que nunca!



Sabrina Matos
sabinamatoss@unifor.br

Psicóloga,
psicanalista e
professora da
Unifor

Responsável por descortinar uma outra cena, o inconsciente, e construir um edifício conceitual robusto, a psicanálise, Sigmund Freud e a radicalidade de sua invenção estão mais presentes do que nunca na cena atual contemporânea passados 81 anos de sua morte.

Em um de seus textos intitulado “Além do Princípio de Prazer”, publicado em 1920, o mestre vienense reformulou sua teoria pulsional e trouxe à tona o conceito de pulsão de morte, apontando para a existência em todos nós

de uma tendência destrutiva que se manifesta de forma repetitiva. Existe uma pulsão de morte que plasma algo para além do

princípio de prazer sendo a expressão privilegiada do princípio mais radical do funcionamento psíquico.

O machismo, a misoginia, a homofobia e o racismo são todas paixões derivadas da pulsão de morte. A força destruidora dessa pulsão pode ser pensada, por exemplo, na vontade de destruir alguém que disse algo que você não gostou. O tão falado cancelamento nas redes sociais. A ministra Damarens dizendo ter ficado muito, mas muito brava porque não gostou do filme *Cuties* e que iria tomar providências para banir a película do catálogo da Netflix igualmente é um exemplo da manifestação destrutiva da pulsão de morte.

Não é mais novidade que vivemos em um tempo na cena planetária onde as bandeiras da ignorância e do ódio têm tomado a cena. Convocar os especialistas, debater, escutar

opiniões diferentes, não tem sido a “vibe” vigente, seja no recorte das relações entre os atores da cena social, seja na esfera governamental. O negócio é “passar a boiada”. É a predominância de Tântatos em detrimento de Eros.

Estamos no Setembro Amarelo, mês de prevenção ao suicídio. Ato sempre singular que comporta a força destrutiva da pulsão de morte como sendo a única via possível de descarga do sofrimento. O suicídio, a loucura, a sexualidade e a morte são dados da condição humana que não podem ser curados porque a humanidade não pode curar-se do que ela é. Como disse Elisabeth Roudinesco “já imaginaram uma sociedade que eliminasse a morte, o suicídio, a loucura, as neuroses? O que seria o homem livre de suas paixões? Seria um cemitério!”. ■

Por que pobres são massacrados no Brasil?



Fernando José Pires de Sousa
fjpires.s@ufc.br

Professor da UFC e
coordenador do Observatório
de Políticas Públicas

A resposta é óbvia ao se verificar historicamente a relação de riqueza e poder versus pobreza e submissão no Brasil. Este País já “nasceu” desigual com a concentração de terras e, assim, de poder e dinheiro, como subjugação do povo e escravos. Até

hoje o grande proprietário continua mandando no campo e, agora, com o agravante das mega companhias do agronegócio e mineradoras. Vinculadas à dinâmica do mercado externo degradam o meio ambiente e negam aos brasileiros alimentos

que poderiam aliviar o aumento dos preços internos neste momento de pandemia, em que a dita solidariedade deveria ser um

princípio humanitário de combate à fome e à pobreza. Mas a premissa é a manutenção do lucro, geração de superávits e acúmulo de divisas, mesmo frente à desvalorização sem precedentes do real. O ultraliberalismo e o agronegócio se regozijam pelo recorde de safra, exportações, e por contribuir para o PIB, ainda que às custas dos mais necessitados.

Na verdade, a escravidão continua a existir, sob o manto da exclusão e a lei magna da meritocracia. A industrialização atraiu riqueza do campo para a cidade, latifundiários e oligarcas se metamorforsearam em industriais, comerciantes, banqueiros, donos de igrejas e da grande mídia. Tornaram-se ainda donos do solo urbano – não é por acaso que temos o MST e o MTST –, acumulando patrimônio e

garantindo renda “vitalícia”, como “seguro de vida” para seus descendentes. Esses não precisam de previdência social, pois ela é a apropriação mesmo dos recursos públicos, por tais segmentos, ao longo de décadas. Basta garantir que a herança continue assegurada e imune a reformas, como a tributária, mantendo o Brasil com uma das menores taxas de transferência de patrimônio do mundo.

Assim, no campo e na cidade, a correia de transmissão da exclusão se perpetua. Sem reformas estruturais, nunca aceitas, a escravidão continua. Com a captura dos três poderes pelos donos do dinheiro, para manter a coesão social e perpetuar governos irresponsáveis bastam os programas de transferência de renda, a ação entorpecente das igrejas e a repressão policial. ■

PARA FALAR COM A GENTE

OMBUDSMAN
3255 6181
ombudsman@opovo.com.br

WHATSAPP
(85) 98115 9399

E-MAIL
opiniao@opovo.com.br

TELEFONES
(85) 3255 6104 OU 3255 6129